

# O DRAMA PALESTINO: A INVALIDAÇÃO DE UM POVO

THE PALESTINIAN DRAMA: THE INVALIDATION OF A PEOPLE

TOMÁS MOLS<sup>1</sup>

VITOR VIEIRA DOS SANTOS<sup>2</sup>

## RESUMO

Desde os fatídicos acontecimentos de 7 de outubro de 2023, os holofotes da mídia corporativa internacional voltaram-se, novamente, para as fronteiras entre Israel e Palestina. A cobertura da imprensa, no entanto, tem ignorado a história marcada por invasões, mentiras e vis projetos políticos de invalidação e de limpeza étnica de um povo árabe historicamente relacionado a um território em eterna disputa.

**Palavras-chaves:** Genocídio; Sionismo; Fronteiras.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o objetivo de realizar uma análise da relação Israel/Palestina sob a ótica da Geopolítica e da Geografia Política, evidenciando as relações espaciais e geopolíticas ao longo do tempo – tempo esse que, incessantemente, tem favorecido apenas ao Estado de Israel.

“O povo palestino vive”. É dessa forma que o professor Salém H. Nasser inicia o prefácio da monumental “A Questão da Palestina”, de Edward W. Said (2011). Nada mais válido do que introduzir o leitor ao universo da obra afirmando o que mais aparenta faltar nas discussões tão em alta. Os palestinos seguem resistindo bravamente aos tantos anos de limpeza étnica promovida pelo Estado de Israel e seus financiadores, em especial, os Estados Unidos.

No dia 7 de outubro de 2023, o grupo Hamas atacou civis e forças militares israelenses. O mais recente estopim do conflito tornou-se, rapidamente, a oportunidade perfeita para que os interesses sionistas fossem radicalmente colocados na vanguarda da narrativa difundida no Ocidente sobre o assunto, articulando mentiras e meias verdades para que a imprensa corporativa mundial - monopolizada por poucos veículos, como *Associated Press*, *France Press*, *Reuters*, *EFE* (Esperidião, 2011) – pudesse se deleitar com ondas de desinformação propagadas mundo afora.

A grande mídia corporativa ocidental omite, primeiramente, o revide desproporcional por parte de Israel, e tenta ao máximo esconder a condição de réu por corrupção de seu primeiro-ministro Benjamin Netanyahu (AFP, 2023), formando uma cortina de fumaça com objetivos de vingança contra o povo palestino em Gaza. De outubro de 2023 até o dia 3 de fevereiro de 2025, 62.614 palestinos foram mortos, segundo informações da Al Jazeera (2025), um dos poucos veículos de informação alheios ao controle do *lobby* sionista, e uma das principais redes de TV do Oriente Médio. Em segundo lugar, o que é escondido pela grande

---

<sup>1</sup> Discente de Geografia na Universidade Federal de Goiás, email: toasmols@discente.ufg.br.

<sup>2</sup> Discente de Geografia na Universidade Federal de Goiás, email: vitorsantos2@discente.ufg.br.

mídia corporativa ocidental é a própria história do conflito, que deve, a essa altura, ser chamado de genocídio.

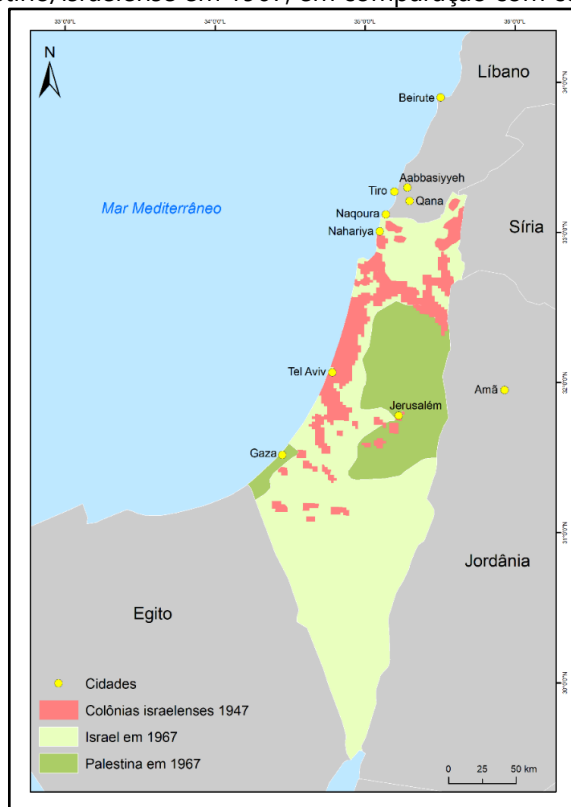
Em maio de 1948, o Estado de Israel foi fundado, desencadeando a Primeira Guerra Árabe-Israelense, que, finalizada no ano seguinte, garantiu a Israel o domínio sobre 79% do território da Palestina. Consequentemente, 750 mil árabes palestinos foram expulsos de suas terras, formalizando a chamada *Nakba*, "catástrofe" em árabe (Altman, 2023). Foi necessária somente uma guerra para a primeira drástica mudança nas relações de poder sobre o antigo território.

Nesse ponto, vale ressaltar como, historicamente, a Geopolítica teve um papel perverso, instrumentalizada para os interesses ocidentais, em especial, para a ideologia nazista e para o imperialismo estadunidense, conforme o retrospecto histórico analisado por Rufí e Font (2006). Não é de se surpreender que o movimento sionista, apoiado pelas potências ocidentais, também utilize fundamentos perversos para garantir o domínio sobre as terras palestinas, sustentando-se, acima de tudo, em argumentos bíblicos como se fossem provas históricas para uma suposta legitimidade do povo judeu sobre o território. Interessante notar, no entanto, que esconder-se atrás da Bíblia aparenta ter sido uma escolha deliberada para tornar mais fácil a criação de um Estado nacional: Theodor Herzl – jornalista austro-húngaro que melhor difundiu o movimento político sionista – e seus seguidores cogitaram outros pontos no globo terrestre, tais quais localidades em Uganda e Azerbaijão, ideias descartadas anos depois, de acordo com o pesquisador israelense Ilan Pappé (2022).

A população judaica de Israel passou a ocupar a Palestina em projetos de colonização iniciados no final do século XIX. As principais origens dos colonos judeus que atualmente vivem no Estado de Israel são: 1º União Soviética, 2º Marrocos, 3º Iraque, 4º Polônia, 5º Romênia, 6º Iêmen, 7º Irã (Statista, 2001). Este dado explica como a escolha do hebraico moderno como língua nacional foi uma estratégia de gerar um símbolo identitário aos israelenses.

Uma vez que as reivindicações sionistas caíram nas graças de nações como o Reino Unido, tornou-se fácil a missão de legitimar seus interesses sobre os dos árabes palestinos. Em 1947, quando a Assembleia Geral das Nações Unidas aprovou a partilha da Palestina, colônias judaicas já ocupavam o território: Em 1931, a população judaica era de 174.606 indivíduos entre 1.033.314 no total; em 1946, era de 608.225 entre 1.912.112 do total (Said, 2011). A decisão da ONU, por fim, garantiu ao novo Estado de Israel o controle sobre 53% do espaço, enquanto 47% seria destinado a um nunca fundado Estado da Palestina (Altman, 2023).

Mapa 1: Território palestino/israelense em 1967, em comparação com colônias judaicas em 1947



Fonte: Mols; Santos (2025).

Dessa forma, ao fim da mencionada Primeira Guerra Árabe-Israelense em 1949, a expansão sionista passava a tomar forma. Durante o Armistício, o próprio governo israelense definiu a “Linha Verde”, uma forma de delimitar os territórios, separando Israel da Cisjordânia – equivalente à área de controle do Mandato Britânico de 1920 a 1947, situada a oeste do Mar Morto e do Rio Jordão (Britannica, 2025). Todavia, em 1967, quando irrompeu a Terceira Guerra Árabe-Israelense, também conhecida por Guerra de 1967 ou Guerra dos Seis Dias, Israel violou o limite a fim de capturar novas terras. Ao fim da invasão, dos 21.000 km<sup>2</sup> que já eram de posse israelense, mais 68.000 km<sup>2</sup> foram anexados (Soares, 2017).

Apesar de alguns pontos do território terem sido devolvidos sob pressão internacional, o que foi conquistado de posse palestina – Gaza, Cisjordânia e Jerusalém Oriental – permaneceu sob domínio de Israel. O mapa da figura 1 representa terras palestinas e terras israelenses depois da Guerra dos Seis Dias, juntamente com as colônias judaicas de 1947, com o objetivo de destacar como o povo palestino já perdia espaço antes mesmo do Estado de Israel ser formalizado.

Para consagrar a vitória esmagadora do sionismo sobre a comunidade palestina, ao fim dos Acordos de Oslo, em 1994, a Cisjordânia foi dividida entre as áreas A, B e C (Pappé, 2022), sendo que a área C, equivalente a 60% do espaço, ficaria sob controle de Israel (Al Jazeera, 2024).

Em 2002, o até então primeiro-ministro Ariel Sharon autorizou a construção de um muro sobre a Linha Verde. Entretanto, aproximadamente 15% do muro segue, de fato, a delimitação, enquanto os outros 85% invadem a Cisjordânia. Já em 2004, a Corte Internacional de Justiça da ONU declarou que o muro violava o Direito Internacional, mas 11 anos depois, a

construção segue (Al Jazeera, 2024). Com mais de 8 metros de altura e mais de 700 km de extensão, o muro expõe o *apartheid* para com o povo palestino, que passa a ser segregado fisicamente. Cerca de 70.000 palestinos precisam atravessar os 11 postos de controle ao longo do muro para acessarem seus trabalhos em território israelense. A Al Jazeera (2018) expõe essas informações, informando ainda, como a travessia é feita em espaços de condições insalubres, que ao lotarem, já mataram muitos palestinos pisoteados.

Dado o breve e resumido contexto da invasão territorial israelense ao longo dos anos, a conjuntura atual da região promete ainda mais alterações na geografia política local. Quando o Holocausto, durante a Segunda Guerra Mundial, é lembrado, é comum que se diga que se o mundo soubesse o que acontecia nos campos de concentração, a tragédia teria sido evitada. Atualmente, a limpeza étnica palestina é transmitida ao vivo e em cores, e ainda assim, Israel continua inabalável, e sem previsões de ser parado por qualquer entidade global.

## **METODOLOGIA**

Em relação à metodologia, o presente trabalho configura uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório quanto à abordagem. Quanto aos procedimentos, configura uma pesquisa pautada em análise bibliográfica e documental, sendo enriquecida com cartografia temática elaborada pelos autores pelo software *ArcGis*.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A discussão desejada visa compreender a questão palestina por uma perspectiva, acima de tudo, geográfica, o que não deixa de ser também, histórica. Os resultados esperados consistem em: síntese da história do drama palestino; compreensão embasada dos eventos geopolíticos atuais; produção de novos materiais cartográficos; maior inserção do tema na ciência geográfica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A luta pela difusão da realidade da emancipação de um povo historicamente oprimido deve continuar, dentro e fora do ambiente acadêmico. E enquanto outras áreas do conhecimento como a História e as Relações Internacionais se apossam do tema, é dever da Geografia ganhar (seu tão estudado) espaço no debate, responsabilizando-se de produzir, pesquisar, analisar e interpretar a cartografia do local; de estudar os fenômenos migratórios decorrentes do genocídio palestino; de estudar e elucidar as noções de território, fronteira; de analisar os aspectos geográficos das tão disputadas terras...

É preciso, também, refletir e debater sobre os materiais já produzidos acerca do tema. A obra de Shlomo Sand (2011) *A Invenção do Povo Judeu*, por exemplo, é questionada por Pappé (2022) em sua obra *Dez Mitos Sobre Israel*, quando afirma que, ao contrário do que prega Sand, os povos têm o direito de se inventar, assim como muitos movimentos nacionais o fazem. O debate enriquece o tema e a discussão, o que se mostra de extrema importância por tratar-se de um espinhoso assunto muitas vezes associado à Religião.

Não obstante, a questão palestina se mostra cada vez mais muito além da Religião ou de qualquer outro tópico que esvazie um verdadeiro genocídio e uma verdadeira limpeza étnica documentada em tempo real.

## REFERÊNCIAS

AFP. Justiça de Israel retoma processo por corrupção contra Netanyahu. **CartaCapital**, 4 dez. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/justica-de-israel-retoma-processo-por-corrupcao-contra-netanyahu/>. Acesso em: 7 abr. 2025.

AL JAZEERA. **Checkpoints: Israel's military checkpoints**. 30 dez. 2018. Disponível em: <https://interactive.aljazeera.com/aje/2018/commuting-through-israeli-checkpoints/index.html>. Acesso em: 07 abr. 2025.

AL JAZEERA. **How does Israel's occupation of Palestine work?** 22 fev. 2024. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2024/2/22/how-does-israels-occupation-of-palestine-work>. Acesso em: 7 abr. 2025.

AL JAZEERA. **Israel-Hamas war in maps and charts: Live tracker**. 3 fev. 2025. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/longform/2023/10/9/israel-hamas-war-in-maps-and-charts-live-tracker>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ALTMAN, Breno. **Contra o Sionismo**: Retrato de uma Doutrina Colonial e Racista. São Paulo: Editora Alameda, 2023.

BRITANNICA. **West Bank**, 7 abr. 2025. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/West-Bank>. Acesso em: 7 abr. 2025.

ESPERIDIÃO, Maria Cleidejane. Gigantes invisíveis no telejornalismo mundial: agências internacionais de notícias e o ecossistema noticioso global. **Brazilian Journalism Research**, v. 7, n. 1, p. 106-129, 2011. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/288/270>. Acesso em: 7 abr. 2025.

FONT, J.; RUFÍ, J. **Geopolítica, Identidade e Globalização**. São Paulo: Annablume, 2006.

PAPPÉ, Ilan. **Dez Mitos Sobre Israel**. Rio de Janeiro: Tabla, 2022.

SAID, Edward. **A Questão Palestina**. São Paulo: Unesp, 2011.

SAND, Shlomo. **A invenção do povo judeu**. São Paulo: Benvirá, 2011.

SOARES, Jurandir. **Israel x Palestina**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2017.

STATISTA. Jewish population of Israel by country of origin in 1995. In: **Statista Research Department**, 1 jan. 2001. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/1396717/israel-jewish-pop-country-origin-historical/>. Acesso em: 7 abr. 2025.